



Avaliação,
Políticas
e Expansão
**da Educação
Brasileira 7**

**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 7

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A945 Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 7 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-464-1

DOI 10.22533/at.ed.641191007

1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 379.981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A COMPREENSÃO DE LETRAMENTO DOS ALFABETIZADORES DE JOVENS E ADULTOS	
Maria Isabel Tromm	
Rosana Mara Koerner	
DOI 10.22533/at.ed.6411910071	
CAPÍTULO 2	6
A FORMAÇÃO E O FORTALECIMENTO DA LINGUAGEM TEATRAL COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA PRÁXIS DOCENTE	
Hugo de Melo-Rodrigues	
José Albio Moreira de Sales	
Cicera Sineide Dantas Rodrigues	
Tatiana Maria Ribeiro Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6411910072	
CAPÍTULO 3	14
A IMPORTÂNCIA DA ESPECIFICIDADE DA LINGUAGEM LITERÁRIA PARA UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA	
Susana Vieira Rismo Nepomuceno	
Gabriela Alves Ferreira de Oliveira	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.6411910073	
CAPÍTULO 4	23
A UTILIZAÇÃO DE TEXTOS JORNALÍSTICOS COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA	
Rosemary Carvalho de Sousa	
Raphael Alves Feitosa	
Gerlyson Rubens dos Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6411910074	
CAPÍTULO 5	29
AQUISIÇÃO DAS PRIMEIRAS FORMAS DA LINGUAGEM INFANTIL	
Givaldo Carlos Candrinho	
DOI 10.22533/at.ed.6411910075	
CAPÍTULO 6	33
ATIVIDADES DO PROJETO CAMINOS: ENTRE A LÍNGUA, A LITERATURA E A CULTURA ARGENTINA	
Carla Luciane Klos Schöninger	
Iasmin Assmann Cardoso da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6411910076	
CAPÍTULO 7	40
DA PAIDEIA NA GRÉCIA CLÁSSICA À RELAÇÃO COM O <i>CORPO UTÓPICO</i> FOUCAULTIANO: ILAÇÕES SOBRE O DIÁLOGO DO DRAMATURGO ARISTÓFANES NO BANQUETE, DE PLATÃO	
Yvisson Gomes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6411910077	

CAPÍTULO 8	49
DALCÍDIO JURANDIR: UM ENSAIO SOBRE O ROMANCE DE FORMAÇÃO E A LITERATURA FORMATIVA	
Osileide de Jesus Lira Luzia Batista de Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6411910078	
CAPÍTULO 9	59
DESDE LA GESTIÓN DE COMPETENCIAS PLURILINGÜES EN HONDURAS HACIA EL DISEÑO DE UNA MAESTRÍA INNOVADORA EN DIDÁCTICA DE LENGUAS Y CULTURAS	
Jean Noel Cooman José Alexis Espino	
DOI 10.22533/at.ed.6411910079	
CAPÍTULO 10	70
DESVENDANDO UM LUGAR NO TEATRO POR MEIO DO DANJURO: A TÉCNICA A FAVOR DA ADOLESCÊNCIA	
Leonardo Augusto Madureira de Castro Isabella Fernanda Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.64119100710	
CAPÍTULO 11	79
EXPERIÊNCIAS INTERCULTURAIS E VIVÊNCIAS DE CIDADANIA: A LITERATURA INFANTIL COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	
Ariana Silva da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.64119100711	
CAPÍTULO 12	94
FAÇA ARTE NO IFPR: ACESSO À EDUCAÇÃO, CIDADANIA E INCLUSÃO POR MEIO DA ARTE E DA CULTURA	
Máriam Trierveiler Pereira Kathleen Mariane da Silva Lorena Fernandes de Oliveira Terezinha dos Anjos Abrantes Creir da Silva Marcelo Trierveiler Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.64119100712	
CAPÍTULO 13	112
GRUPO DE TEATRO CATARSE: O TEATRO COMO POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO SOBRE A INTOLERÂNCIA NA ATUALIDADE	
Ana Luiza Palhano Campos Silva Monick Munay Dantas da Silveira Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.64119100713	
CAPÍTULO 14	127
IDENTIDADES EM RISCO: O DISCURSO DISSONANTE DE CAROLINA MARIA DE JESUS	
Janaína Da Silva Sá	
DOI 10.22533/at.ed.64119100714	

CAPÍTULO 15	139
LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E AS CONTRIBUIÇÕES QUE OS ESTUDOS SOBRE LETRAMENTO TEM NOS REVELADO	
Laine Cristina Forati de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.64119100715	
CAPÍTULO 16	150
LITERATURA E GÊNEROS TEXTUAIS ADAPTADOS PARA A CULTURA SURDA	
Noemi Teresinha Gorte Nolevaiko	
DOI 10.22533/at.ed.64119100716	
CAPÍTULO 17	158
O GÊNERO RESENHA DE FILME: UMA ANÁLISE DESCRITIVA DAS CAPACIDADES DE LINGUAGEM	
Thaís Cavalcanti dos Santos	
Kathia Alexandra Lara Canizares	
Rosa Maria Manzoni	
DOI 10.22533/at.ed.64119100717	
CAPÍTULO 18	172
A IMPORTÂNCIA DA AULA DE LITERATURA NA ESCOLA	
Andréa Portolomeos	
Sophia Assis Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.64119100718	
CAPÍTULO 19	179
O LETRAMENTO NA VOZ DOS ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA	
Jéssica Fernanda da Silva Gomes	
Rosana Mara Koerner	
DOI 10.22533/at.ed.64119100719	
CAPÍTULO 20	185
O TEATRO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Aurora Fernanda Aquino Garcete	
DOI 10.22533/at.ed.64119100720	
CAPÍTULO 21	194
RELATO DE EXPERIÊNCIA SISTÊMICA EM SALA DE AULA: PROJETO PINTANDO COM GRAFITE - ESCOLA ESTADUAL PASCOAL RAMOS, CUIABÁ, MT	
Dilma Aparecida Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.64119100721	
CAPÍTULO 22	201
UMA ABORDAGEM DO TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DAS RODAS DE LEITURA	
Simone Aparecida Botega	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.64119100722	

CAPÍTULO 23	209
UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE TEATRO NA EDUCAÇÃO E A PROBLEMÁTICA DA INDÚSTRIA CULTURAL E DA SEMIFORMAÇÃO NAS PESQUISAS	
Leonardo Augusto Madureira de Castro	
Isabella Fernanda Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.64119100723	
CAPÍTULO 24	223
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA COM ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO CARLOS-SP	
Ana Caroline Marques de Souza	
Caroline Bastos de Souza	
Laís Ferraz de Assis Pinto	
Ariele Gomes Botelho	
Adriele da Silva Braga	
Fernanda dos Santos Mendes	
Iury Antônio Oliveira Sá	
Rosilene Côrrea dos Santos Mendes	
Valmir Samuel Farias	
Maristela Carbol	
Fernanda Vieira Rodovalho Callegari	
DOI 10.22533/at.ed.64119100724	
CAPÍTULO 25	228
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO SEXUAL ADOLESCER: ESPAÇO DE TROCA DE EXPERIÊNCIAS	
Giseli Monteiro Gagliotto	
Franciele Lorenzi	
Franciéle Trichez Menin	
Gisele Arendt Pimentel	
Eritânia Silmara de Brittos	
DOI 10.22533/at.ed.64119100725	
CAPÍTULO 26	235
AQUISIÇÃO DAS PRIMEIRAS FORMAS DA LINGUAGEM INFANTIL	
Givaldo Carlos Candrinho	
DOI 10.22533/at.ed.64119100726	
SOBRE O ORGANIZADOR	239

DA PAIDEIA NA GRÉCIA CLÁSSICA À RELAÇÃO COM O *CORPO UTÓPICO* FOUCAULTIANO: ILAÇÕES SOBRE O DIÁLOGO DO DRAMATURGO ARISTÓFANES NO BANQUETE, DE PLATÃO

Yvisson Gomes dos Santos

Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Maceió/AL).

E-mail: yvissongomes@hotmail.com

RESUMO: o presente ensaio faz uma concatenação entre a *Paideia* grega, utilizando o diálogo do dramaturgo cômico Aristófanes *D’o Banquete*, de Platão (1995), buscando construir uma relação entre os corpos utópicos foucaultianos com o mito dos seres circulares do referido dramaturgo. Encontrar nas narrativas míticas um lugar/não lugar, um texto/tecido que trate sobre a relação da díade professor e aluno, também se comporta como um não lugar na esfera das contingências, das escansões propostas por Foucault (2013; 2014). Conclui-se que a relação dialógica entre o mito aristofânico que faz parte da educação grega (*Paideia*) poderá ser vista com as ilações do filósofo francês na (des)construção entre os corpos utópicos com os corpos que, por exemplo, compõem uma escola: sujeitos, teorias, dentre outros (SANTOS, 2016).

PALAVRAS-CHAVE: *Paideia* – Platão – Foucault – Corpos – Utopias.

ABSTRACT: the present essay draws a concatenation between the Greek *Paideia*, using the dialogue of the comic playwright

Aristophanes *D’o Banquete* (Plato, 1995), seeking to build a relation between the Foucaultian utopian bodies and the myth of the circular beings of the said playwright. Finding in the mythical narratives a place/no place, a text/fabric that deals with the relation of the teacher-student dyad, also behaves as a non-place in the sphere of contingencies, of the scans proposed by Foucault (2013, 2014). It is concluded that the dialogical relation between the aristophane myth that is part of the Greek education (*Paideia*) can be seen with the philosophical French philosophers in the deconstruction between the utopian bodies and the bodies that, for example, compose a school: subjects, theories, among others (SANTOS, 2016).

KEYWORDS: *Paideia* - Plato - Foucault - Bodies - Utopias.

1 | INTRODUÇÃO

A *Paideia* grega clássica e a filosofia trouxeram elementos epistemológicos ao homem e as suas relações com o meio social, pedagógico, metafísico e político, nos quais ele se formou em sua humanidade graças à essa cultura educativa. Essas relações são cifradas em códigos universais ou contingenciais. A ideia de Bem, de um Belo metafísico campeou a construção da formação do πολιτικός (*politikos*)

grego, do homem da *pólis*, por exemplo.

O que apreendemos de relevante dos *helenos* foi à perspicácia da “amizade à sabedoria” e de colocar as questões metafísicas no orbe público. As privadas no espaço mínimo do *oïkos* (*lar, casa*) ainda não possuíam essa construção universalizante, pelo menos até início do século XX d.C.

A Educação como formadora do povo grego deu-se em diversas escanções: das aristocracias, ao educador Homero e sua ascendência cultural, vindo a Platão e Sócrates. A *Paideia* ou Educação nos fora tomado de empréstimo para fazer relação com um diálogo platônico, d’*O Banquete* (1995), sendo mais específico, com o discurso do dramaturgo cômico Aristófanes, localizando em sua alocução a possibilidade de Foucault e seus corpos utópicos fazerem urdidura com os seres cíclicos e gigantes narrados pelo dramaturgo grego.

A ideia é de se pensar uma *Paideia* erótica que se define pelo corpo, mesmo sendo-o utópico, através dos arquétipos míticos ou da fabulação. O francês Foucault aferiu como sendo “meu corpo, *topia* implacável” (FOUCAULT, 2013, p.07) – descrição audaciosa.

Pergunta-se: Como será visto na visão foucaultiana os corpos aristofânicos no Banquete platônico? E, em apontamentos, qual a relação entre esse corpo utópico com a Educação hodierna?

Pontua-se que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E, originalmente, publicado nos Anais do VIII EPEAL (2017) – CEDU/PPGE/UFAL. E o pesquisador é doutorando em Educação pelo CEDU/PPGE/UFAL, e professor do quadro efetivo da Educação Básica na área da Filosofia pela Secretaria de Estado da Educação de Alagoas.

2 | A FORMAÇÃO DO POVO GREGO ATRAVÉS DA PAIDEIA: OU O CRÍVEL DA EDUCAÇÃO

Necessitamos definir, *a priori*, o que vem a ser a *Paideia* grega. Precipuamente, “[...] não se pode utilizar a história da palavra *Paideia* como fio condutor para estudar a origem da educação grega, porque esta palavra só aparece no sec. V.” (JAEGER, 2010, p. 23). Nesse momento, a partir do século V, na qual a formação do povo grego está em construção, junto com a *Aretê* (virtude) aristocrática e homérica, e para construir pedagogicamente o homem grego dotado de qualidades morais e éticas, a *Paideia* veio a “colocar os conhecimentos como força formativa a serviço da educação e formar por meio deles verdadeiros homens, como o oleiro modela a sua argila e o escultor as suas pedras” (JAEGER, 2010, p. 13).

Desta sorte, temos uma Educação que se firmou no V século a. C e que fez com que os gregos, tantos os aristocráticos, quanto os do tempo de Péricles, pudessem

organizar-se em uma pedagogia fértil que culminaria com a maiêutica socrática. Para Jaeger:

A educação é uma função plena tão natural e universal da comunidade humana, que, pela sua própria evidência, leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária. O seu conteúdo, aproximadamente o mesmo em todos os povos, é ao mesmo tempo moral e prático (2010, p. 23).

Temos de observar que o termo Educação grega tem ainda outros endereços. Ainda de acordo com Jaeger, “[...] a educação não é uma propriedade individual, mas pertence por essência a comunidade. O caráter da comunidade imprime-se em cada um dos seus membros e é no homem [...], muito mais que nos animais, fonte de toda ação e do comportamento” (2010, p. 04). Dando prosseguimento ao raciocínio do autor, “a Educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual; e, uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana” (*Ibid*, 2010, p. 04).

Como enunciado, os valores humanos e a Educação eram respaldados pelos princípios espirituais, em sentido forte do termo, e pela *aretê* (virtude). Os desdobramentos desses valores fizeram dos gregos seres por excelência, com uma estrutura estética e educativa amadurecida, que os educou e guiou os seus descendentes com uma “tendência patente em todas as esferas da vida – pensamento, linguagem, ação e todas as formas de arte [...] do ser como estrutura natural, amadurecida, originária e orgânica” (JAEGER, 2010, p. 11). E para corroborar, “a essência de toda a verdadeira educação ou *Paideia* é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e a obedecer, tendo a justiça como fundamento” (*Ibid*, 2010, p. 147).

Devemos lembrar que a *Paideia* parte da formação educacional do povo grego, civilizando-o. Desde os textos que eram recitados pelos helenos, os textos homéricos, – estes sim, – um construto mitológico dos anseios, desejos, limitações e antropomorfismo dos deuses, que teve a finalidade de amoldar os seres em sua humanidade manifesta. Fala-se de Homero, a saber:

[...] põe em cena dois heróis, que formam uma espécie de antítese, mas a completam profundamente: Aquiles e Ulisses. Aquiles é o guerreiro sublime, amante da glória, mas que não hesita em sacrificar a vida para não perder a honra. A nobreza militar das altas épocas, a cidade guerreira de Esparta, ou o comum dos cidadãos nele encontrarão o exemplo do super-homem por imitar, ou simplesmente por admirar. (...) Para aqueles a quem a virtude de Aquiles pudesse desencorajar um pouco, existia outro modelo, aparentemente mais acessível, e mais utilizável: o fino, o engenhoso Ulisses, o homem dos mil truques, o ‘vivo’, sempre capaz de safar-se de uma dificuldade, perfeito exemplo do saber viver e, em todo caso, de esperteza; a virtude heroica é completada pela sabedoria prática. (ASSA *apud* DEBESSE & MIALAERT, 1974, p. 09).

A saga dos heróis era contada pelos gregos aos seus filhos e educandos com a finalidade de se manter viva a ascendência do povo que lutou e enfrentou as fúrias dos

deuses, tornando-os mais que *genus*, – outrossim, uma verdadeira civilização.

O que nos vem à mente é que estamos lidando com narrativas míticas, cofundadoras da Educação helênica. Destarte, surge a pergunta: o que é o mito? Segundo Marilena Chauí:

A palavra *mito* vem do grego, *mythos*, e deriva de dois verbos: do verbo *mytheyo* (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e do verbo *mytheo* (conversar, contar, anunciar, nomear, designar). Para os gregos, mito é um discurso pronunciado ou proferido para ouvintes que recebem como verdadeira a narrativa, porque confiam naquele que narra; é uma narrativa feita em público, baseada, portanto, na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador. E essa autoridade vem do fato de que ele ou testemunhou diretamente o que está narrando ou recebeu a narrativa de quem testemunhou os acontecimentos narrados (2013, *Online*, p. 01).

Nota-se que o mito pode ser visto como uma narrativa que escamoteia a verdade ou dela se fala em fabulações. Ele conta a história humana por lendas através do diálogo e dando ao narrador um ato de confiabilidade pelos textos/tecidos narrados pela oralidade. Colocamos a terminologia “texto” no referente ao discurso falado que em si é “pré-textual”, entretanto é texto.

Os gregos se valeram desse artifício para instruir e civilizar o ser da *pólis*. Deve-se lembrar de que estamos no âmbito da *genealogia*, da origem dos deuses e dos humanos, pois, segundo Chauí: “um mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros, da Terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, das guerras, do poder, etc.) (*Ibid*, 2013, p.01).

Já esclarecido o que vem a ser a *Paideia* grega e a importância do mito na *Bildung* helênica, passemos para o *Banquete* (1995) de Platão e, mas especificamente, ao mito narrativo de Aristófanes, articulando-o com uma teoria foucaultiana do *Corpo Utópico* (2013)

3 | O DIÁLOGO DE ARISTÓFANES E SUA RELAÇÃO COM O CORPO UTÓPICO DE FOUCAULT

Seria importante frisar que os diálogos platônicos eram um modo de expressão conceitual para se falar sobre um tema específico. No *Eutífron* temos o tema da piedade, na *República*, a organização de uma sociedade, no *Teeteto* o conhecimento, no *Crátilo*, a linguagem, dentre outros.

A ossatura da fala de Sócrates, pai da *maiêutica*, foi transmitida por Platão (seu maior discípulo) em formas de diálogos. De acordo com Maschio:

Todas as [...] obras do filósofo [exceto as *Leis* e das *Cartas*] consistem numa espécie de peças teatrais, nas quais vão se esmiuçando as doutrinas filosóficas por meio do diálogo entre as personagens, com Sócrates como protagonista habitual e indiscutível o que realmente sabemos é que as obras que chegaram até nossos dias foram as que Platão escreveu pensando no ‘grande público’, isto é, aquelas que tinham uma afinidade divulgadora e expositiva do seu pensamento

Com frases emblemáticas como “o saber que nada sabe”, de Sócrates, e outra do oráculo de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo e verás a Deus”, o sábio grego de corpo curvado e semblante não muito simpático, conquistou uma plêiade de discípulos e amigos (*philia*) que o fizeram ser o chanceler da antropologia filosófica grega. Mas, mesmo assim, havia o dramaturgo cômico Aristófanes – nosso objeto de investigação.

É com Aristófanes no diálogo, *O Banquete*, que vamos tecer nossas considerações.

Não é novidade, aos iniciados, que tal livro é extemporâneo ao encontro de convivas de casa de Agatão. Isso já demonstra que a cultura oral e a memória eram vivas e afinadas no *modus operante* grego. Podemos refletir que:

O Banquete é ao mesmo tempo um dos mais belos e mais simples diálogos platônicos [...] num jantar em casa de um poeta, que comemora sua vitória no concurso de tragédias, resolvem seus convivas instruir outro concurso, oratório desta vez, e em consequência cada um deles um discurso de elogio ao Amor, a divindade que presidia àquela jovial e ilustre *heteria*” (SOUZA, 1995, p.12).

Estamos em um diálogo que se precognomina “d’O Amor”. Falava-se sobre o *Eros* como aquele que unifica o universo e que faz amadurecer os sentimentos nobres dos cidadãos gregos – “o de elogiar ao amor, servo de Afrodite” (*Ibid*, p.13).

Muitos momentos sobre o *Eros* serão ditos na casa do anfitrião Agatão. O *Eros* como estando desde os primórdios na cosmogonia helênica (Fedro), os amores pandêmicos e urânicos (Pausânias), o amor que cura (Erixímaco), o *Eros* que é falta e filho da pobreza e da astúcia (Sócrates), para agora nos determos nos seres circulares e gigantes de Aristófanes, o dramaturgo cômico.

No período da fala de Aristófanes, pela escrita de Platão, ele assim retrata o tema do Amor:

[...] nossa natureza outrora não era a mesma que a de agora, mas diferente. Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não como agora, masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome posto em desonra. Depois, inteiriça era a forma de cada homem, com dorso redondo, os flancos em círculo; quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto das mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo [...] (PLATÃO, 1995, p. 126-127).

Platão nos fala desses seres híbridos, considerados ameaçadores por Zeus, pelo desejo de dominar o *Cosmos*. Eles eram os gigantes da era dos Titãs, e como forma de punição Zeus os cortou em partes, em uma “têssera complementar” (PLATÃO, 1995, p. 128), e os deu o umbigo como costura final. Eles eram Gigantes: homem e homem, mulher e mulher e homem e mulher – agora cindidos e em busca da sua metade mitológica.

Segundo Jaeger, “Aristófanes focaliza o problema em toda a sua extensão, não só como amor entre os dois seres do mesmo sexo, mas sob todas as formas em que se apresenta. A saudade dos amantes leva-os a não quererem separar-se um

do outro, nem sequer por breve tempo” (JAEGER, 2010, p. 732). O *Eros* entre esses seres, já repartidos, busca uma harmonia espiritual, inefável. Ainda nas palavras de Jaeger: “o mito de Aristófanes apresenta *o eros como que se perdeu e que portanto se pretende voltar a encontrar*” (*Ibid*, p 733, grifo nosso).

Com essa afirmação do *Eros* que anseia sua parte, dos corpos que são fissurados até se separarem, pensamos em Foucault através de seu ensaio *O corpo utópico* (2013).

Para o filósofo francês o corpo é “uma *topia* implacável”, ou seja, com ele há “uma familiaridade gasta, como com uma sombra, ou com as coisas de todos os dias que no fim das contas não enxergo mais o que a vida embarçou” (p.07).

O corpo é um lugar que se transita, se camufla e se embarça, – não sendo lugar algum –, tão como os seres de Aristófanes, pontuamos. Eles eram míticos e sua “utopia é um lugar fora de todos os lugares, mas um lugar onde eu teria um corpo sem corpo, um corpo belo, límpido, transparente, luminoso, veloz, colossal na sua potência” (FOUCAULT, 2013, p.08).

Não seriam os corpos aristofânicos, míticos e gigantes uma utopia do corpo incorporal foucaultiano?

Ora, se as narrativas míticas traduzem a existência de seres alados, entidades que detêm poderes sobre seus corpos “impenetrável e opaco, corpo aberto e fechado” (FOUCAULT, 2013, p.10), não seriam eles utópicos?

A demarcação que vislumbramos sobre o lugar/corpo/sem/lugar é mítica, e tal fato se corrobora nas palavras do francês: “[...] *na velha utopia dos gigantes*, que encontramos no coração de tantas lendas” (*Ibid*, p.12, grifo nosso).

Os seres circulares de Aristófanes eram seres gigantes e ameaçadores aos deuses. Seus corpos foram cindidos para ratificar, mitologicamente, de que não se pode viver em plenitude, em completude. As linhas gerais desse *Eros* que sente falta requer a compreensão de que jamais encontraremos a parte outra do corpo, mas a busca continuará intermitentemente.

A *Paideia* grega clássica nos ensina que o *Eros* separado é tal e qual a um mestre e seu discípulo (JAEGER, 2010). Em termos gregos, do *erômenos* e de seu *erastes*, uma pedagogia afeiçoada pelo conhecimento do mais sábio e a juventude do amado/aprendiz.

Na ideia de dietética foucaultiana encontramos o cuidado de si, o cuidado com o corpo (FOUCAULT, 2014). A premissa básica desse corpo que deve ser cuidado remonta ao corpo que sofreu uma cisão e agora busca unidade para tentar se tornar “um corpo”. Aristófanes buscou em seu diálogo experienciar a falta absoluta dos seres híbridos, antes unos. O corpo/pele já se mostra em uma utopia, em um lugar nenhum, evanescido. Nos apontamentos de Paulo Ghiraldelli:

Assim, Foucault mostra que ‘para que eu seja utopia, basta que seja um *corpo*’. Isso o faz transitar para os poderes utópicos do corpo. Surge o corpo como um “grande ator utópico”. A máscara ou a tatuagem ou os adornos e a vestimenta

jogam o corpo, por ele mesmo, para outros lugares, inclusive para o lugar-nenhum. 'O enfeite coloca o corpo num outro espaço'. 'Alguém será possuído pelos deuses ou pela pessoa que acaba de seduzir'(2017, p. 01, *online*).

Ainda com o filósofo Guiraldelli:

O texto poderia então acabar em 17 parágrafos, mas Foucault não fica na dualidade da tese e da antítese. Ele busca uma síntese que, hegelianamente falando, não encerra os momentos de tese e antítese. Essa síntese é espantosa e bela. Trata-se do amor. Ele mostra que pelos dedos do outro, lábios do outro e olhar do outro, o corpo vai sendo constituído, vai se fazendo presente, e ao mesmo tempo abrigando nele próprio o lugar-nenhum (*Ibid*, p.01, *online*)

E finalizando com o comentador do texto foucaultiano, lê-se:

O olho se fecha e não é o espelho que está mostrando a pálpebra que não podemos ver, mas é outro olho, que funciona como um eu ou em um eu, que dá garantias de como que a pálpebra é quando se fecha. Também uma boca que serve para abrir e falar, repentinamente tem, então, um reconhecimento dos lábios na medida do toque do lábio do outro. O morrer do amor, que é gozo, faz a experiência do cadáver, que parecia não se poder ter, surgir sem que se morra. O lugar-nenhum do cadáver se faz presente no corpo, que é um lugar. Foucault termina dizendo que o amor é tão bom, que gostamos tanto dele, porque ele faz a utopia do que vai à cabeça, no espelho e no cadáver poderem se fazer, exatamente no *aqui* do corpo. O amor faz o corpo, enquanto não utopia, trazer para si a utopia. Eis a síntese, exatamente no último parágrafo (*Ibidem*, p. 01, *online*).

Esse lugar-nenhum de outros espaços físicos, também se coloca na relação fronteira que temos com nossos corpos. Se formos levá-los a Educação hodierna, teremos corpos teóricos, corpos de professores e alunos em construto, pois:

Esquece-se que dentro de uma escola há diversos sujeitos demarcados [...]. Os alunos que se agrupam em tribos. Os professores com suas teorias e práticas pedagógicas. Ou seja, o corpo também é ação, também é heterotopia. O grupo dos *nerds*, outro dos tatuados, outro dos roqueiros, dos religiosos, outros dos *clubbers* etc. Tudo isso é um corpo, mas que se encontra facetado em múltiplos corpos. O corpo-escola encontra-se minado e povoado por corpos-alunos, corpos-professores, corpos-diretores, corpos-auxiliares, corpos-múltiplos (SANTOS, Y. G., 2016, p. 07).

E dando prosseguimento a interlocução do autor:

Toda uma teoria que se valha de ser pedagógica também é um *corpus* teóricos. Piaget, Wallon, Vygotsky, Paulo Freire, Pestalozzi, dentre outros, foram teóricos da educação ou pensaram a educação em formas particulares. Eles criaram perspectivas teóricas para se pensar, por exemplo, o ensino-aprendizagem, ou a psicogenética infantil. Eles descreveram os sentidos da educação guiados por uma ordenação teórica que para Freud poderia ser uma experiência de sublimação. A concepção de que há um *corpus* teóricos nesses autores que pensam a Educação, já se inscreve em algo, a saber, o discurso do biopoder (*Ibid*, 2016, p. 07).

E sabendo disso, podemos dizer que esses corpos povoam os espaços escolares e seus membros fazem parte visceralmente desses espaços privilegiados (*topias*). Fala-se que o corpo se encontrará “sempre em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo” (FOUCAULT, 2013, p.14), tal como na relação dialética entre professor e aluno que está em construção nas articulações entre teorias e práticas através dos processos educativos. E, também, no espaço escola como móbil de existência física,

mas deslocada a utopias, ou como bem falou Foucault (2013), em *heterotopias* – esse tema ficará para outro momento.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso que fizemos, observamos que a *Paideia* é a formadora da cultura grega clássica, e que o mito se mostra presente nessa cultura como *Bildung*. Se houve narrativa mítica entre os helenos, houve a educação ágrafa, oralizada e declamada.

As relações dos corpos com o mito de Aristófanes, no *Banquete*, traduziu a necessidade de sermos corpos que se vivem em locais, mas esses locais são contingenciais e até adversos.

Na Educação os corpos são muitos, tanto físicos, quanto teóricos, e a marca de uma *locus* que poderá ser a própria Escola (um *locus* utópico). Um espaço físico que retoma lugares diferentes (talvez uma heterotopia).

O que nos atentou observar é que somos cindidos, não completos, não harmônicos por inteiro (mitologicante), e isso poderá refletir nas nossas relações de forma geral, bem com de aluno e professor. O *Eros* que nos circundam, segundo o diálogo platônico, é comum a cada ser: mas específico quando se fala do anacronismo: *erômenos* e *erastes*.

A ideia não foi de uma retomada *ipsis litteris* nessa união erótica da educação grega, mas uma ilação na posição de que há um mestre/corpo e há um aluno/corpo na sala de aula. Essa dialogicidade cumpre uma função primordial chamada de *Paideia*, ou de Educação.

REFERÊNCIAS

CHAUI, M. **Mito e filosofia**. (2013). Disponível em << <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2013/04/15/mito-e-filosofia-marilena-chai/>>> Acesso em Junho de 2017.

DEBESSE M. **Tratado das ciências pedagógicas**. Vol. 2. Trad. de Luiz Damasco Penna e J.B. Damasco Penna. São Paulo: Editora Nacional, Ed. da USP, 1974.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução de Salma Tannus Machai. São Paulo: Edições, 2013.

GUIRALDELLI JR, P. **O corpo utópico de Michel Foucault** (2017). Disponível em <<http://ghiraldelli.pro.br/filosofia/o-corpo-utopico-de-michel-foucault.html>> Acesso em maio de 2017.

JAEGER, W. **Paideia**: a formação do homem grego. 5. ed. Tradução de Artur parreira. São Paulo: editora Martins Fontes, 2010.

MASCHIO, E. A. DAL. **Platão está em outro lugar**. São Paulo, Editora Salvat, 2015.

PLATÃO, **O Banquete ou do amor**. Tradução, introdução e notas de J. Cavalcante de Souza. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SANTOS, Y. G. **O corpo: esse nosso amigo (des)conhecido** – alguns apontamentos. Revista Psicanálise e Barroco, Volume 14, N. 01, Junho de 2016. Disponível em <<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revista-v-14-n-01>> Acesso em Junho de 2017

SOUZA, J. C. As grandes linhas da estrutura do “Banquete” _ In: PLATÃO, **O Banquete ou do amor**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-464-1



9 788572 474641